

“Se você ajuda um animal, ele sempre retribui”, diz Pam Sica - aqui com o marido, Troy, o filho, Troy Jr., e *Bullet*.

SEXTO sentido

Os amigos diziam que ela devia sacrificar o cão. Ele estava velho, doente e agia de modo estranho.

POR CHRIS BOHJALIAN

QUANDO Hollywood procurar um novo cão para estrelar seus filmes, provavelmente o contratado não será *Bullet*, de Long Island. *Bullet* é um *golden retriever* de 15 anos, que se move com a graça e a agilidade de uma tartaruga cruzando uma estrada. Seu coração é fraco e ele tem tumores. Mesmo aqueles que amam de verdade seus

bichinhos de estimação já o teriam sacrificado.

Felizmente, *Bullet* pertence a Pam Sica, mulher que compreende o verdadeiro significado da amizade e a importância da fé.

PAM E O MARIDO, Troy Sica, moram numa casa simples mas bem cuidada, com telhas castanhas e a entrada ladeada por árvores e arbustos sempre verdes. Fica numa área residencial tranqüila de Long Island. Pam é *barwoman* num hotel de luxo e Troy é controlador de tráfego aéreo.

Em abril de 2000, Pam descobriu que seu adorado *Bullet* estava com um tumor no fígado do tamanho de uma ervilha. Por causa da idade dele, o Dr. Laurence Cangro recomendou que apenas acompanhassem o crescimento do tumor.

Pam ficou arrasada. Ela já perdera outros animais de estimação, mas tinha uma ligação especial com *Bullet*. Ele aparecera em sua vida quando ainda era um filhote de sete semanas, dentro de uma cesta deixada à sua porta, com um laço de fita vermelha no pescoço e um cartão que perguntava: “Você quer ser minha mamãe?”

Durante mais de uma década o cachorro tinha sido, de muitas maneiras, seu bebê. Pam e Troy haviam tentado ter filhos durante muitos anos e, embora ela tivesse engravidado quatro vezes, cada gravidez terminara num aborto espontâneo. “Eu dedicava a vida a meus animais, porque

os médicos me disseram que eu jamais poderia ter filhos”, conta Pam. Ela estava com 41 anos quando recebeu o diagnóstico do tumor de *Bullet*.

Em agosto, o tumor havia crescido e o Dr. Cangro chegou à conclusão de que o casal teria de fazer algumas escolhas difíceis. “O problema com nódulos no fígado é que eles podem se abrir e sangrar. Havia um grande risco de hemorragia seguida de morte caso o tumor se rompesse”, lembra o veterinário. No entanto, fazer uma cirurgia num *golden retriever* tão velho seria perigoso e custaria milhares de dólares. “Na minha experiência, talvez uma em cada dez pessoas gastaria tanto com um cachorro daquela idade”, analisa o Dr. Cangro.

Pam e Troy, porém, estavam preparados para fazer justamente isso – mesmo que significasse sacrifícios financeiros. O casal acabou gastando quase 5 mil dólares entre exames, cirurgia e cuidados pós-operatórios. “Os amigos e a família acharam que eu era louca de gastar tanto dinheiro”, recorda Pam. “Mas *Bullet* sempre foi um amigo que me deu muitas alegrias. Como eu poderia não fazer isso por ele?”

Troy e Pam levaram *Bullet* ao padre para ser abençoado e, em 1º de setembro de 2000, um cardiologista e um cirurgião veterinários removeram o tumor de seu fígado.

Bullet não apenas sobreviveu à cirurgia como surpreendeu os veterinários ao acordar da anestesia com fome. Em alguns dias voltava para casa. Foi um pequeno milagre.

Então, cerca de um ano mais tarde, outro milagre aconteceu. Durante as férias, Pam fez um teste caseiro de gravidez e o resultado foi positivo.

Certa de que aquela seria sua última chance, Pam tomou todas as precauções. Durante os meses seguintes, diminuiu gradativamente os dias de trabalho até apenas duas noites por semana. E, seguindo as instruções de seu médico, parou de trabalhar no início do sétimo mês.

TROY JOSEPH SICA nasceu às 11h32 do dia 10 de abril de 2002, com olhos

bebê chorava, *Bullet* levantava a cabeça para ver se Troy ou eu estávamos cuidando dele.”

POR VOLTA DAS 5 horas da manhã do dia 1º de maio, duas semanas depois de chegar em casa, o pequeno Troy estava cochilando na cama do casal, rodeado por travesseiros. Seu pai estava tomando banho, arrumando-se para o trabalho, e Pam esquentava uma mamadeira na cozinha.

De repente, *Bullet* surgiu atrás dela, latindo e saltando. “E então”, Pam se recorda perfeitamente, “ele co-

Latindo e saltando atrás dela, *Bullet* tentava conduzi-la pelo corredor até o quarto.

azuis-claros e um grande chumaço de cabelos castanhos. Antes de levar o bebê para casa, Pam preparou *Bullet* para sua chegada. Pediu ao marido que levasse a manta na qual o neném havia sido enrolado no hospital para que o cão se acostumasse com o novo cheiro.

Naquela primeira noite, *Bullet* puxou a manta da sala até sua cama, na cozinha. Qualquer receio que Pam ainda pudesse ter de que seu cão sentisse ciúme do bebê logo desapareceu quando eles levaram a criança para casa.

“Os dois gostaram imediatamente um do outro”, diz Pam. “Quando o

meçou a tentar me levar pelo corredor até o quarto.”

Primeiro, ela achou que *Bullet* tivera uma incontinência e estava tentando informá-la de que fizera algo por acidente em seu quarto. Não precisava se apressar. Ela não o seguiu de imediato; parou no banheiro para pedir a Troy que verificasse a temperatura da mamadeira. *Bullet*, porém, ficou ainda mais nervoso, pulando cada vez mais freneticamente e com mais energia do que tivera em anos.

Por fim, Pam o seguiu, com o passo cansado comum à mãe de um recém-nascido às cinco da manhã.

Quando chegou à porta do quarto, engasgou e deixou cair a mamadeira que estava carregando. O pequeno Troy continuava na cama, no mesmo lugar onde ela o havia deixado, mas sua pele tinha um tom azulado. Seu corpo estava mole e um gorgolejo desesperado saía de sua garganta, no esforço para respirar.

azul começou a desaparecer do rosto do bebê e a cor voltou ao normal. Embora respirasse sozinho, não estava fora de perigo.

O menino foi levado de ambulância para o Centro Médico do Brookhaven Memorial Hospital. Lá, sofreu outra parada respiratória e teve de ser ressuscitado novamen-

Os paramédicos levaram-no para o hospital – onde sofreu outra parada respiratória.

Ela pegou o filho no colo. “Por favor, meu Deus, não leve meu bebê!”, ela gritou, correndo para o banheiro, onde o marido estava. Enquanto Troy virava o menino de bruços e dava tapinhas em suas costas, tentando deslocar o que quer que fosse que estivesse bloqueando a passagem do ar, Pam ligou para a Emergência.

Dentro de minutos a polícia chegou. E, por sorte, Damon Alberts, um paramédico especializado em atendimentos de emergência, morava perto de Troy e Pam. Ele e sua equipe da South Country Ambulance Company chegaram na casa logo em seguida.

Os paramédicos administraram oxigênio de alta concentração ao bebê, posicionando a saída do ar na frente do nariz e da boca do menino, pois a cabeça era pequena demais para a máscara. Em um minuto o

te. Ainda naquela manhã, foi transferido para a UTI pediátrica do Hospital Universitário de Stony Brook, onde foi diagnosticada uma pneumonia. O pequeno Troy passou quatro dias respirando com a ajuda de aparelhos e recebeu antibióticos intravenosos por duas semanas para combater a infecção.

“Ele vai levar uma vida normal e saudável, contanto que use o cinto de segurança e não dirija depois de beber”, brincou o Dr. Thomas Biancianiello, diretor da cardiologia pediátrica de Stony Brook.

Se *Bullet* não tivesse insistido para que Pam largasse o que estava fazendo e fosse até o quarto, tudo poderia ter sido diferente. O Dr. Marc Salzberg, diretor-médico do Brookhaven Hospital, explica: “A pneumonia é mais perigosa nos recém-nascidos. O cérebro deles é mais vulnerável à fal-

ta de oxigênio, pois só está completamente desenvolvido aos 2 anos. Se ficar sem oxigênio por mais de poucos minutos, o recém-nascido sofre lesões cerebrais ou morre.”

Mas como *Bullet* sabia que o bebê estava em perigo? “Os cães são observadores atentos da linguagem corporal”, explica Marty Becker, veterinário e escritor. “Passam horas estudando os nossos movimentos, ouvindo a cadência de nossa respiração, até mesmo nossos batimentos cardíacos. Imagino que [esse] cão tenha observado a falta dos movimentos e do som da respiração, e soube

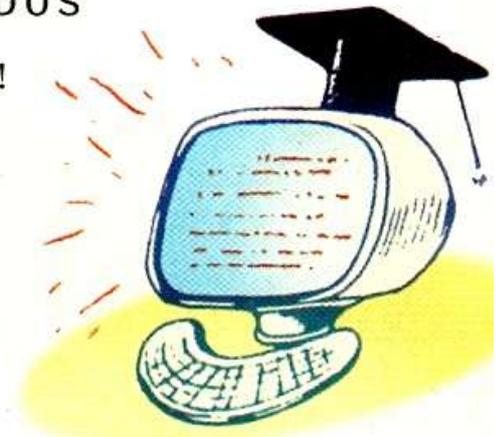
que havia algo errado. Quando isso acontece, eles imediatamente procuram o líder da matilha para saber o que fazer ou pedir ajuda. Neste caso, o líder da matilha de *Bullet* é Pam.”

Talvez o milagre desta história não seja a capacidade de *Bullet* de compreender que seu novo companheiro de matilha estava correndo um grave risco. Talvez a verdadeira maravilha seja a fé que Pam teve tempos atrás, ao acreditar que seu velho cão ainda tinha alguns bons anos de vida.

“Dei uma vida a *Bullet* e ele me deu uma vida em troca”, diz ela.

DITADOS INFORMATIZADOS

Quem com vírus infecta, com vírus será infectado!
 A pressa é inimiga da conexão!
 Tendinite pouca é bobagem!
 Não há nada como um clique após o outro!
 Ruim com o seu micro, pior com o meu!
 Dedo mole em tecla dura, tanto bate até que
 acostuma!
 Clicar e teclar, é só começar!
 Em briga de namorados virtuais não se mete o
mouse!
 Olho por olho, clique por clique!
 Se correr o *hacker* pega, se ficar o *hacker* come!
 Quem tem dedo vai à Roma.com!
 Quem vê *nick* não vê cara e muito menos coração!
 Amigos, amigos, senhas à parte.
 Os maiores processadores estão nos menores micros!
 Quem procura acha... se o *site* de busca for bom!



SERVIDÃO

Se a pessoa me faz rir, sou sua escrava para o resto da vida.

BETTE MIDLER